

TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: O PAPEL DO SETOR DE SERVIÇOS

Macielde Gomes dos Santos¹ | José Alderir da Silva²

Como citar: SANTOS, M. G.; SILVA, J. A. Turismo e desenvolvimento local: o papel do setor de serviços. *Revista Análise Econômica e Políticas Públicas – RAEPP*, v. 11, n. 1, e20261103, 2026.

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a contribuição do setor de serviços para o desenvolvimento econômico, com foco em sua capacidade de promover o desenvolvimento local em regiões com predominância do setor primário e baixa industrialização. Com base em uma abordagem teórica, discute a evolução dos setores econômicos e seus papéis no processo de desenvolvimento. Destaca que, embora a indústria tenha sido historicamente o principal motor do desenvolvimento, o setor de serviços ganhou crescente importância nas economias contemporâneas. Nesse contexto, o turismo é evidenciado como uma atividade com forte efeito multiplicador, sendo capaz de dinamizar diferentes segmentos da economia local por meio de encadeamentos produtivos. Portanto, o setor de serviços pode constituir uma alternativa viável para a promoção do desenvolvimento econômico local, contribuindo para a redução das desigualdades sociais e para a melhoria das condições de vida da população.

Palavras-chave: Setor de serviços; Desenvolvimento econômico; Turismo.

Abstract: This paper aims to analyze the contribution of the service sector to economic development, focusing on its capacity to promote local development in regions characterized by the predominance of the primary sector and low levels of industrialization. Based on a theoretical approach, it discusses the evolution of economic sectors and their respective roles in the development process. The study highlights that, although industry has historically been regarded as the main driver of economic development, the service sector has gained increasing importance in contemporary economies. In this context, tourism is emphasized as an activity with a strong multiplier effect, capable of stimulating different segments of the local economy through productive linkages. Therefore, the service sector may represent a viable alternative for promoting local economic development, contributing to the reduction of social inequalities and to the improvement of the population's living conditions.

Keywords: Service sector; Economic development; Tourism.

¹Graduação em Economia pela UFRN. Graduação em Ciências Contábeis pela UniNassau. Pós-graduação em Contabilidade e em Gestão Pública pela Faculdade de Jacarepaguá, RJ. E-mail: maciel-dern@yahoo.com.br.

²Doutor em Economia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), lotado no Departamento de Engenharias (Denge). Líder do Grupo de Pesquisa "Laboratório em Economia da Transição Energética" (Laete) e do Grupo de Pesquisa "Laboratório de Estudos Populacionais e Desenvolvimento Sustentável" (Lepds). E-mail: josealderir16@hotmail.com.

1 Introdução

O desenvolvimento econômico constitui um dos principais temas de debate na ciência econômica, especialmente no que se refere à compreensão dos fatores que impulsionam o crescimento, a geração de emprego e a melhoria das condições de vida da população. Tradicionalmente, a literatura econômica atribuiu papel central ao setor industrial como principal motor do desenvolvimento, considerando a industrialização como etapa fundamental da transformação estrutural das economias (Kaldor, 1967; Bresser-Pereira, 2009). Nesse contexto, o setor primário foi associado à produção de bens de baixo valor agregado e elevada vulnerabilidade externa, enquanto o setor de serviços foi, por muito tempo, interpretado como uma atividade residual e dependente do dinamismo industrial (Kon, 1999; Meirelles, 2006).

Entretanto, as transformações econômicas ocorridas ao longo do século XX e início do século XXI alteraram significativamente essa concepção, ampliando a relevância do setor de serviços na estrutura produtiva das economias contemporâneas. O avanço tecnológico, o crescimento urbano, a expansão do consumo e a diversificação das atividades econômicas contribuíram para que os serviços assumissem papel estratégico na geração de emprego, renda e valor agregado (Kon, 2007; Arbache, 2015). Além disso, observa-se que, em diversas regiões, especialmente em economias periféricas ou em localidades onde a industrialização não se consolidou, o setor terciário passou a desempenhar função central na dinamização econômica, contribuindo para a estruturação de processos de desenvolvimento local baseados nas potencialidades endógenas.

Nesse contexto, o turismo destaca-se como uma das atividades de serviços com maior capacidade de promover impactos econômicos positivos, devido ao seu elevado efeito multiplicador e à sua capacidade de estimular diferentes segmentos da economia local, como comércio, transporte, alimentação e construção civil (Barbosa, 2005; Coriolano, 2012). Ao possibilitar a entrada de recursos externos e estimular a circulação interna de renda, o turismo pode contribuir para a geração de emprego e para a melhoria das condições socioeconômicas, especialmente em regiões marcadas pela limitada presença do setor industrial e pela baixa diversificação produtiva.

Diante dessas considerações, emerge o seguinte problema de pesquisa: em que medida o setor de serviços, particularmente o turismo, pode promover o desenvolvimento econômico local em regiões caracterizadas pela predominância do setor primário e pela ausência de um setor industrial consolidado? Parte-se da hipótese de que o setor de serviços, especialmente o turismo, pode constituir um vetor relevante de desenvolvimento econômico local, ao gerar emprego, renda e encadeamentos produtivos, mesmo em contextos de fragilidade industrial e limitada modernização agrícola. Assim, o presente artigo tem como objetivo analisar a contribuição do setor de serviços para o desenvolvimento econômico, com ênfase em sua capacidade de dinamizar economias locais e promover o desenvolvimento, destacando o papel do turismo como alternativa estratégica em contextos marcados por limitações estruturais.

Ao longo da história, o desenvolvimento econômico tem sido tradicionalmente compreendido como um processo de transformação estrutural que se inicia em economias predominantemente agrícolas, evolui por meio da industrialização e, em estágios mais avançados, culmina na consolidação de um setor de serviços amplo, dinâmico e diversificado. Contudo, esse percurso não se manifesta de forma uniforme entre países, regiões ou municípios. Em diversas realidades, especialmente em economias

periféricas ou em localidades marcadas por limitações à industrialização e à modernização do setor primário, observa-se uma configuração produtiva distinta, na qual o setor de serviços passa a ocupar uma posição central na dinâmica econômica local (Cunha et al., 2023).

Nesse contexto, o setor de serviços deixa de ser compreendido apenas como uma atividade complementar ou subordinada à indústria e passa a ser reconhecido como um segmento com potencial estratégico para a promoção do desenvolvimento econômico, inclusive em territórios onde o setor industrial é pouco expressivo ou inexistente. A expansão das atividades de serviços, especialmente aquelas intensivas em mão de obra e vinculadas às vocações e potencialidades locais, pode gerar importantes efeitos multiplicadores, contribuindo para a ampliação do emprego, da renda e da dinamização das relações econômicas e sociais, favorecendo, assim, processos de desenvolvimento de caráter endógeno.

Assim, para alcançar o objetivo proposto, inicialmente apresenta-se uma discussão teórica sobre a evolução e a classificação dos setores econômicos, com destaque para as particularidades do setor terciário. Em seguida, realiza-se uma revisão da literatura sobre o setor de serviços e suas diferentes formas de organização e classificação. Posteriormente, examina-se a relação entre o setor de serviços e o desenvolvimento local, ressaltando seu potencial como alternativa de dinamização econômica, especialmente por meio da atividade turística. Por fim, analisa-se o turismo como vetor de desenvolvimento local e apresentam-se as considerações finais do estudo.

2 Setores Econômicos

Além da ótica da demanda, a análise de uma economia pode ser realizada pela ótica da oferta, isto é, pelo lado do dinamismo apresentado pelos setores econômicos que um país, região, estado ou cidade apresenta. Esses setores são definidos de acordo com os produtos elaborados, os modos de produção e os recursos utilizados. Com isso, é possível demonstrar o grau de desenvolvimento econômico de um país, de uma região ou de uma determinada localidade. Tais setores econômicos são classificados em primário, secundário e terciário.

Segundo Almeida et al. (2013), o Setor Primário corresponde à produção realizada por meio da exploração de recursos naturais, constituindo o principal fornecedor de matéria-prima para o setor industrial, bem como para diversas atividades relacionadas ao setor de serviços. No setor primário, temos como exemplos as seguintes atividades: a agricultura, a mineração, a pesca, a pecuária, o extrativismo vegetal e a caça.

Apesar da importância para o desenvolvimento dos demais setores econômicos, as atividades relacionadas ao Setor Primário caracterizam-se pela vulnerabilidade às intempéries e aos fenômenos naturais, como clima, pragas e doenças, entre outros. Diante disso, os preços dos produtos agrícolas tendem a apresentar variações bruscas, de modo que os produtores frequentemente enfrentam dificuldades financeiras (Ocampo, 2004). Do mesmo modo, uma nação especializada na exportação de commodities tende a apresentar dificuldades em suas contas externas, pois o volume de produtos exportados deve ser significativamente superior ao volume importado para manter o saldo da balança comercial equilibrado, uma vez que os preços das commodities costumam ser baixos e apresentar elevada volatilidade, sobretudo em períodos de

recessão (Bresser-Pereira, 2009).

De acordo com Delgado (2010), o Setor Primário, ao funcionar em uma região ou município, só é viável com o emprego de elevado volume de capital em uma produção em larga escala, de modo a compensar, pela quantidade de bens produzidos — as commodities —, o baixo valor agregado que esses produtos possuem em comparação aos bens tecnológicos produzidos pela indústria. Ou seja, um município pode até se desenvolver economicamente com o uso de uma produção agrícola moderna, mas, ainda assim, precisa produzir bens primários em grande quantidade para garantir o retorno do capital investido, pois, em sua grande maioria, os bens primários, com poucas exceções, apresentam valor significativamente inferior ao dos produtos industrializados, sobretudo aqueles produzidos com maior grau de tecnologia.

Um bom exemplo de agricultura em larga escala é a produção de melão no Vale do Assú, no Rio Grande do Norte, onde empresas capitalistas especializadas na produção de frutas para exportação se estabeleceram devido às condições físicas favoráveis à produção extensiva. Como o melão é uma commodity que possui menor valor agregado do que um bem tecnológico, como um celular, por exemplo, o retorno do capital tende a ser inferior. Além disso, a reprodução do capital investido, em geral, não é aplicada no desenvolvimento local, pois o lucro é, quase sempre, apropriado, em sua totalidade, pela empresa capitalista.

Além disso, na geração de um bem industrial, existe um efeito multiplicador do emprego — a produção de um carro, por exemplo, requer a participação de outras indústrias, como as de vidro, de materiais plásticos ou sintéticos, da indústria química, de materiais elétricos, entre outras —, gerando cadeias produtivas que, por sua vez, criam novos empregos. Assim, a indústria consegue absorver boa parte do exército de reserva de mão de obra, o que a agricultura, por si só e sem investimento capitalista significativo, não consegue realizar (Kaldor, 1967).

Contudo, a atividade agrícola nesses municípios é importante, pois ainda gera alimentos para o consumo local e renda para os produtores, mesmo diante de diversas situações adversas, que vão desde as intempéries naturais até as dificuldades de financiamento e a concorrência com produtos alimentícios provenientes de outras regiões.

Não se pretende, aqui, marginalizar essas atividades, mas demonstrar que esses modelos dificilmente conseguem promover o desenvolvimento local, uma vez que essas atividades agrícolas são seculares nesses municípios e, ainda assim, eles não conseguiram se desenvolver economicamente.

Ao contrário do Setor Primário, o Setor Secundário é considerado, por muitos autores, o principal gerador de riqueza, por agregar valor à transformação das matérias-primas em produtos industrializados, como, por exemplo, roupas, máquinas, automóveis, alimentos industrializados, eletrônicos, entre outros bens diversificados.

Uma economia pode perfeitamente alcançar o status de desenvolvimento sem um setor primário forte, mas dificilmente o fará sem um setor secundário consolidado, ou seja, sem uma indústria de transformação moderna e altamente produtiva. Diversas nações consideradas desenvolvidas tiveram como base de sua economia esse setor, de modo que a história econômica revela que nenhum país se desenvolveu produzindo apenas bens primários. Isso ocorre porque, à medida que a economia cresce, o aumento da renda tende a elevar as importações de bens industrializados e, diante de termos de troca desiguais, a economia passa a enfrentar dificuldades em suas contas externas.

Como consequência, o crescimento econômico tende a ser restringido³.

Portanto, nações com alto grau de desenvolvimento possuem um expressivo alicerce econômico concentrado no setor secundário (ou industrial). Uma das explicações para isso reside na sua capacidade de agregar maior valor em comparação aos demais setores econômicos.

Isso também ocorre no âmbito dos municípios. Um exemplo é o município de Goiana, em Pernambuco, que, desde o período colonial, tinha sua atividade econômica voltada para a plantação de cana-de-açúcar. Com a implantação da indústria automotiva nos últimos vinte anos, em uma área que antes era ocupada por extensos canaviais, houve uma mudança significativa no desenvolvimento econômico local, com a geração de empregos e renda. Nesse município, durante o período de safra da cana-de-açúcar, empregavam-se entre 400 e 500 pessoas. Atualmente, são gerados cerca de 47,5 mil empregos diretos e indiretos, com uma expectativa de crescimento do PIB em torno de 6,5% acima do nível anterior até o ano de 2020⁴.

Assim, nações, regiões e municípios industrializados tendem a ser naturalmente mais ricos do que lugares não industrializados. O Setor Secundário apresenta esse efeito multiplicador porque é capaz de desencadear uma dinâmica decorrente do aumento da demanda por mão de obra, recursos financeiros, matérias-primas e outros bens que compõem um produto final. Essa demanda promove a circulação de capital e de recursos financeiros. Na aquisição de bens e matérias-primas, esses recursos geram renda para a mão de obra, tanto para aqueles que trabalham diretamente na indústria quanto para os que atuam indiretamente nessa atividade.

A dinâmica econômica do Setor Secundário é muito maior do que a dos outros setores econômicos. Todavia, trata-se de uma atividade que não ocorre de forma homogênea em todos os municípios ou regiões, devido à sua característica de centralização de recursos, conforme afirma Silva (2019).

Já o Setor Terciário é constituído pelos serviços. Segundo Meirelles (2006), os serviços são considerados produtos não materiais, embora, em alguns casos, tenham como resultado produtos simples. De acordo com Kon e Clark (2004), o setor de serviços apresenta diferentes formas de organização produtiva: em alguns ramos, como o comércio e as atividades financeiras, predominam empresas capitalistas; em outros, como educação, saúde e administração pública, são mais comuns organizações sem fins lucrativos; enquanto, em determinados serviços pessoais, como salões de beleza, lavanderias e serviços fotográficos, prevalece a produção simples de mercadorias.

O Setor de Serviços é marcante em locais onde o nível de desenvolvimento econômico é elevado. Todavia, esse setor pode se instalar em qualquer localidade e, dependendo da atividade, desenvolver uma região ou dinamizar os demais setores nela existentes.

De forma sintética, o desenvolvimento de uma região ocorreria, naturalmente, por meio dos setores econômicos, como se fossem fases, dadas as elasticidades-renda da demanda dos três setores. Inicialmente, o setor agrícola apresenta maior participação no PIB em relação aos demais setores. Porém, à medida que a renda cresce, a demanda por bens industriais aumenta, estimulando um processo de industrialização na economia, que pode ser financiado pelas receitas do próprio setor terciário. Do mesmo modo, por possuir uma elasticidade-renda da demanda superior à dos bens industriais, à medida que a renda aumenta, o setor industrial passa a ceder espaço

³Thirlwall (1979) e Silva e Lourenço (2014).

⁴Silva (2016).

ao setor terciário, completando o ciclo de desenvolvimento. Além disso, o próprio setor industrial tende a impulsionar o crescimento do setor de serviços, por meio da demanda por diversos tipos de serviços, como segurança e limpeza (Silva, 2019; Silva, 2014; Nascimento e Silva, 2020).

Algo semelhante ocorreu no estado de São Paulo no início do século XX, por exemplo, onde, entre outros fatores, os lucros provenientes do café (Setor Primário) financiaram a industrialização da região (Setor Secundário), que, por sua vez, com seu efeito multiplicador, demandou uma ampla e complexa gama de serviços (Setor Terciário). Esse processo utilizou a estrutura já existente no comércio do café, como os serviços bancários, integrando esses serviços tradicionais com outros novos, decorrentes da dinâmica industrial (Silva, 2017).

Nessas fases, existem também diferenças quanto à qualificação da mão de obra, pois a indústria e o Setor de Serviços tendem a exigir do trabalhador conhecimentos técnicos e científicos mais elevados do que aqueles requeridos pela agricultura tradicional. Por sua vez, essa maior qualificação exige maior remuneração. É essa maior remuneração que possibilita às famílias ampliar sua demanda por bens e serviços, como, por exemplo, viagens e serviços de restaurantes, entre outros.

Esse percurso dos setores econômicos, inicialmente com ênfase na agricultura, passando pela industrialização e culminando no fortalecimento do Setor de Serviços, deveria constituir o caminho natural do desenvolvimento de uma região, conforme Clark (1967). Contudo, nas economias modernas, esse processo não ocorre de forma uniforme, pois existem regiões e municípios onde o setor industrial não se estabelece. Nesses casos, o desenvolvimento local tende a se especializar na agricultura com o uso de tecnologias ou ocorre uma transição direta do Setor Primário para o Setor Terciário como estratégia de desenvolvimento local. Ou seja, observa-se, em muitos casos, um salto da fase industrial.

Kon (2004) mostra que os serviços se diferenciam do Setor Primário, que é praticado extensivamente no espaço, o que condiciona uma relativa dispersão dos agentes nele engajados, enquanto tanto a indústria quanto os serviços são atividades que tendem a se concentrar espacialmente.

Todavia, observa-se que o presente estudo confere maior ênfase aos setores primário e terciário, uma vez que seu objetivo é analisar se localidades marcadas pela predominância do setor primário, especialmente em contextos de baixa ou inexistente modernização agrícola, podem se beneficiar da instalação e da expansão do setor de serviços. Nesse sentido, o setor industrial não constitui o foco central da análise, sendo abordado apenas de forma complementar. Na sequência, desenvolve-se uma análise contextual do setor de serviços, examinando o tratamento conferido a esse setor pela literatura especializada, bem como as principais formas de classificação das atividades de serviços.

3 O setor de Serviços

O setor de serviços, ou setor terciário de uma economia, estabelece-se por meio de uma relação social na qual, de um lado, existe o prestador de serviços (fornecedor) e, de outro, o tomador do serviço (consumidor). Basicamente, o que diferencia essa relação social daquela existente na compra e venda de um bem é que, geralmente, o resultado do serviço é um bem intangível.

O setor de serviços teve pouco espaço nas teorias clássicas, sendo considerado uma atividade improdutiva e de baixa rentabilidade. Na história do pensamento econômico, os autores clássicos tratavam, em seus escritos, principalmente da produção de mercadorias, como na visão de Smith (Meirelles, 2006). Marx, por exemplo, mesmo considerando a possibilidade de as atividades de serviços serem produtivas, abandonou essa perspectiva de análise, dedicando pouca ou quase nenhuma atenção ao setor de serviços (Meirelles, 2006, p. 122).

Apesar de o setor de serviços e o setor industrial (ou setor secundário) apresentarem características urbanas e estarem situados em aglomerações populacionais, o setor terciário foi, por muito tempo, considerado complementar à indústria. Em razão da proximidade entre indústria e serviços, Say (1821, p. 91–92) afirma que “os serviços são a essência do processo produtivo, pois é por meio dos serviços prestados pelos vários fatores de produção (terra, trabalho e capital) que se criam novos produtos”.

Ainda entre os autores clássicos, predominava a concepção de que os serviços desempenhavam um papel meramente complementar à indústria, o que dificultava seu reconhecimento como um terceiro setor autônomo da economia. Mill, cuja obra tinha como foco o trabalho, apresentava uma visão diferente da de Say. Para o autor, “não há um ‘serviço da terra’ ou um ‘serviço do capital’, pois os fatores de produção, por si só, não produzem valor; a agregação de utilidade depende, fundamentalmente, da ação do trabalho” (Meirelles, 2006, p. 124).

O fato é que, na teoria clássica, os serviços estão sempre muito relacionados à produção industrial ou à geração de riqueza decorrente da industrialização. Na visão clássica, o setor de serviços não é concebido como algo separado da indústria. Por isso, durante muito tempo, “o setor de serviços era considerado como residual em relação ao conjunto da economia, após a consideração das atividades primárias e secundárias, e os serviços foram vistos como intangíveis e de inerente menor produtividade” (Kon, 1999, p. 65).

Todavia, com o passar do tempo, com o avanço das economias e o desenvolvimento de novas tecnologias, as atividades comerciais e de serviços também foram ganhando espaço, e novas teorias, tipologias e classificações sobre os serviços foram sendo formuladas.

Segundo Kon (2004), a principal responsável pela evolução dos serviços foram, sem dúvida, “as transformações tecnológicas que se sucederam desde a época dos fisiocratas, que gradativamente mudaram a concepção acerca do caráter produtivo dos serviços”.

Com essas transformações, desencadeou-se uma série de mudanças e evoluções nas concepções sobre os serviços, moldadas pelos diferentes contextos culturais e econômicos de cada período histórico e pelas sucessivas inovações tecnológicas incorporadas pela sociedade ao longo do tempo. De acordo com Kon (2004), o termo “terciário” só foi introduzido por Fischer em 1935. Com isso, a economia passa a se compor dos setores primário (agricultura), secundário (indústria) e terciário (serviços e comércio).

No interior do próprio setor de serviços, observa-se a existência de diversas formas de classificação, refletindo a ampla heterogeneidade das atividades que o compõem. Os serviços abrangem desde aqueles intensivos em alta tecnologia até atividades que demandam baixo ou nenhum conteúdo tecnológico, sendo fortemente dependentes das habilidades e da aptidão humanas. Nesse sentido, as Tabelas 1 a 3 apresentam, respectivamente, a classificação do setor de serviços segundo os critérios

de consumo, função e produção.

Tabela 1: Classificação dos Serviços com Base no Consumo

Autor e ano	Classificação
Singer (1981)	• Serviços às empresas; • de consumo coletivo; • de consumo individual.

Fonte: Kon (1999).

Tabela 2: Classificação dos Serviços com Base na Função

Autor e ano	Classificação
Foote-Hatt (1953)	• Terciário: restaurantes, hotéis, reparação, manutenção e lavanderia; • quaternário: transporte, comunicação, comércio e atividades financeiras; • quinário: saúde, educação e recreação.
ONU (1968)	• Comércio, alojamento e alimentação; • transporte e comunicações; • atividades financeiras, bens imóveis e serviços às empresas; • serviços comunitários, sociais e pessoais.
Katouzian (1970)	• Serviços complementares: financeiros, transportes e comércio; • serviços novos: saúde, educação e entretenimento; • serviços antigos: domésticos.
Browning e Singelmann (1975)	• Serviços distributivos: transportes, comunicações e comércio; • serviços às empresas: financeiros e profissionais; • serviços sociais: saúde, educação e defesa; • serviços pessoais: domésticos, restaurantes, lazer e hotéis.
Departamento de Comércio dos EUA (U.S. Census Bureau, 1984)	• Transporte, comunicação e utilidades públicas; • comércio varejista e atacadista; • atividades financeiras, seguros e imobiliárias; • serviços pessoais e às empresas.

Fonte: Kon (1999).

Tabela 3: Classificação dos Serviços com Base na Produção

Autor e ano	Classificação
Fisher–Clark (1935/1940)	• Primário: agricultura e mineração; • secundário: manufatura; • terciário: resíduo.
Sambalo (1975)	• Primário: agricultura, criação de gado e pesca; • não primário; • alto uso de capital e qualificações: transporte, mineração e manufatura; • baixo uso de capital e qualificações: comércio; • alto uso de qualificações e baixo custo de capital: atividades financeiras.
Fuchs (1968)	• Agricultura; • indústria: mineração, manufatura e transportes; • serviços: comércio, atividades empresariais e governo.

Fonte: Kon (1999).

No Brasil, existe a Pesquisa Anual de Serviços, realizada pelo IBGE, “que investiga empresas com fins lucrativos e classifica os serviços em: prestados às famílias; prestados às empresas; de informação; transportes, serviços auxiliares e correios; atividades imobiliárias e aluguel de veículos, máquinas e equipamentos; e outros serviços”.

O setor de serviços não é apenas um resíduo da indústria, mas constitui um setor altamente dinâmico, gerador de empregos, e, diferentemente dos demais setores, pode se instalar em qualquer região, pois existem os mais diversos perfis de empresas no setor de serviços. Com essas características, o setor de serviços pode fomentar o desenvolvimento de uma região ou município, o que será analisado no tópico a seguir, relacionando o setor terciário com o desenvolvimento local.

4 O Setor de Serviços e o Desenvolvimento Local

Segundo Kon (2007), a atuação dinâmica do setor de serviços, especialmente daqueles voltados ao comércio internacional, tem demonstrado, a partir da experiência de economias modernas e avançadas, impactos significativos sobre o desenvolvimento local e regional.

Para Kon (2007), a prestação de serviços pode transformar uma relação social, pois o serviço se caracteriza como um fenômeno não físico que proporciona uma mudança na condição de uma pessoa ou de um bem pertencente a uma unidade econômica. Nesse contexto, é interessante observar que o setor de serviços pode contribuir para o desenvolvimento de regiões que não são industrializadas e onde não ocorreu a modernização do setor agrícola.

Um dos caminhos para o desenvolvimento local ocorre por meio do desenvolvimento econômico, entendido, no contexto brasileiro, como a expansão de um mercado constituído por núcleos relativamente autônomos que, em função das sinergias econômicas existentes, resultam em um todo superior à soma isolada de seus elementos (Cabugueira, 2000; Dowbor e Pochmann, 2010).

É importante distinguir que nem sempre o termo crescimento econômico é sinônimo de desenvolvimento econômico. O primeiro refere-se apenas a um aumento significativo no produto de um determinado lugar em comparação a outro período de tempo. Já o segundo, de acordo com Faria (2012), configura-se como uma etapa avançada de um *continuum* de crescimento econômico, alcançada a partir de mudanças estruturais nos métodos de produção, as quais possibilitam um crescimento sustentado e promovem transformações mais profundas na economia e na sociedade.

Um lugar pode apresentar crescimento econômico sem que haja desenvolvimento econômico. Se, em uma economia, existir crescimento econômico e houver concentração de renda, por exemplo, não haverá desenvolvimento, pois a riqueza não é distribuída de forma homogênea.

A ideia de desenvolvimento econômico refere-se à riqueza proveniente do crescimento econômico distribuída de forma mais equitativa. Trata-se da “satisfação crescente das necessidades básicas de uma população e da redução das desigualdades sociais” (Faria, p. 06, 2012). Em outros termos, o desenvolvimento autêntico deve resultar da interação positiva entre os organismos sociais e econômicos, priorizando, fundamentalmente, o desenvolvimento humano enquanto condição para o bem-estar, e não apenas a satisfação de necessidades materiais (Barbosa, 2005).

Portanto, como fazer para desenvolver economicamente (não apenas crescer economicamente) uma localidade onde a industrialização e o agronegócio não alcançam? Nesse caso, a teoria do desenvolvimento local menciona que “é preciso compreender o ponto de partida, ou seja, a situação atual da localidade, e traçar objetivos de desenvolvimento, determinando quais melhorias devem ser realizadas, o que deve ser aprimorado e qual estado de desenvolvimento se pretende alcançar”⁵.

Para isso, o setor de serviços poderá desenvolver economicamente uma região ou localidade por meio de ferramentas e planejamento estratégico, orientados para a tomada de decisões e ações de acordo com o que é mais adequado para a localidade. Tal planejamento deve ser realizado pela comunidade, uma vez que, segundo Scótolto e Netto (2015), o desenvolvimento local fundamentado nos interesses da própria comunidade e conduzido por seus membros fortalece o sentimento de pertencimento, reforça os laços comunitários e estimula a preservação das características naturais e culturais do território.

No caso do setor de serviços atuando em uma determinada localidade, os principais autores defendem o desenvolvimento iniciado dentro do próprio espaço local. Na verdade, esse tipo de desenvolvimento constitui uma atuação social que se externaliza em um ato econômico (Silva et al., 2006; Negri et al., 2006; Silva et al., 2016).

A ideia não é esperar que fatores externos ao local venham dinamizar as atividades regionais. Trata-se, sobretudo, de um planejamento estratégico voltado à promoção da vocação e das potencialidades locais. De acordo com Arbach (2015), o modelo alternativo de desenvolvimento caracteriza-se como um processo endógeno, construído de baixo para cima, fundamentado nas potencialidades socioeconômicas locais, em contraste com os modelos tradicionais de desenvolvimento de cima para baixo, baseados predominantemente no planejamento e na intervenção estatal.

Contudo, em um local ou município com muitas potencialidades, porém com poucos recursos econômicos e financeiros, faz-se necessário criar parcerias, bem como estabelecer condições econômicas para que o desenvolvimento endógeno possa ocorrer. A formação de parcerias voltadas ao desenvolvimento local distancia-se da concepção

⁵Vide Scótolto e Netto (2015)

tradicional baseada em polos de crescimento, inserindo-se como um dos elementos centrais da nova economia regional, na qual as ações coletivas assumem papel fundamental e somente alcançam eficiência quando devidamente institucionalizadas.

Diante do exposto, o setor de serviços pode constituir um importante instrumento de promoção do desenvolvimento endógeno, na medida em que se estrutura a partir dos interesses da população local e valoriza suas capacidades, competências e habilidades, conforme destacam Scótolto e Netto (2015).

Até o momento, a análise realizada abordou o setor de serviços e sua relevância para o desenvolvimento regional de forma geral. Na sequência, o estudo passa a concentrar-se em um segmento específico desse setor, o turismo, uma vez que o objetivo central da pesquisa consiste em fornecer bases teóricas para estudos empíricos, de modo a verificar se essa atividade é capaz de promover o desenvolvimento econômico de uma determinada região.

4.0.1 Setor de Serviços para Desenvolver a Economia com Foco no Turismo

O setor de serviços pode atuar como vetor de desenvolvimento em regiões onde a indústria e o agronegócio não lograram se consolidar. Nesse contexto, o setor terciário assume uma configuração específica por meio da atividade turística, uma vez que o turismo se insere nesse setor da economia e apresenta um expressivo efeito multiplicador sobre a dinâmica econômica local (Coriolano, 2012).

Dessa forma, a pergunta que se coloca é a seguinte: o setor de serviços, especificamente o turismo, pode promover o desenvolvimento econômico de uma localidade onde a indústria e o agronegócio não conseguiram se estabelecer?

A primeira parte da resposta a essa pergunta consiste em verificar se o local possui potencial turístico e vocação cultural, natural e social para o desenvolvimento da atividade turística. Uma vez confirmada essa condição, faz-se necessário compreender que “o turismo pode ser fator de desenvolvimento local desde que planejado de forma endógena”⁶.

Diversos autores⁷ consideram o turismo uma das forças econômicas mais importantes para qualquer economia. Seu efeito multiplicador significa dizer que, uma vez ampliada a atividade turística, também serão desenvolvidas outras áreas, como o comércio, gerando empregos e renda.

Segundo Barbosa (2005), a atividade turística exerce um efeito multiplicador positivo sobre o desenvolvimento local e regional, uma vez que seus benefícios extrapolam o núcleo receptor, alcançando diversos setores da economia. De forma indireta, o turismo contribui para a geração de renda em atividades complementares, impactando segmentos como a construção civil, a indústria alimentícia, a produção de móveis e utensílios domésticos, os serviços de profissionais liberais e o sistema financeiro.

Assim, o turismo bem planejado em uma localidade que possua potencialidades humanas, naturais, culturais e sociais para o seu desenvolvimento constitui uma atividade econômica relevante, geradora de renda e empregos. Diante dessa importância econômica, para Alves e Pereira (2021), o turismo passou a ser concebido como uma alternativa estratégica para o enfrentamento da pobreza e da miséria que afetam diversas populações, sobretudo em função de sua elevada capacidade de geração de emprego e renda, uma vez que grande parte das atividades de serviços associadas ao

⁶Vide Fortunato e Silva (2011).

⁷Barbosa (2005).

setor é intensiva em trabalho.

Essa geração de emprego se dá pela transferência de recursos econômicos e/ou financeiros de uma região para outra (podendo ocorrer de uma região desenvolvida para outra com menor nível de desenvolvimento), por meio dos turistas. Segundo Barbosa (2005), tais efeitos podem ser diretos e indiretos no local. Os efeitos diretos do turismo correspondem às despesas realizadas diretamente pelos turistas nos equipamentos turísticos e nos serviços de apoio. Já os efeitos indiretos decorrem dos gastos efetuados por esses estabelecimentos e prestadores de serviços na aquisição de bens e serviços de outros setores, representando a circulação secundária dos recursos originalmente introduzidos na economia local pelos visitantes.

Portanto, o setor de turismo constitui um caminho para o desenvolvimento regional, por atrair recursos, de forma direta ou indireta, gerando renda e emprego. É evidente que o turismo, como setor da economia, desenvolve-se em um espaço geográfico e, ao mesmo tempo, contribui para o desenvolvimento desse espaço⁸.

Para Barbosa (2005) e München e Miyamoto (2021), no que se refere aos espaços geográficos, o turismo, com seu efeito multiplicador e com a geração de renda e emprego, pode promover o desenvolvimento dos municípios, privilegiando a dimensão social e fazendo com que a dimensão econômica seja uma consequência.

Portanto, pelo menos teoricamente, o setor de serviços, em especial o setor de turismo, constitui uma ótima opção para o desenvolvimento econômico local em situações nas quais a indústria e a agricultura moderna não se consolidaram. Contudo, na prática, faz-se necessário averiguar se essa situação se confirma no mundo real.

5 Considerações Finais

O presente artigo buscou analisar o papel do setor de serviços no desenvolvimento econômico, com ênfase em sua capacidade de dinamizar economias locais caracterizadas pela predominância do setor primário e pela limitada presença do setor industrial. A partir de uma revisão teórica sobre a evolução dos setores econômicos e as diferentes abordagens acerca do desenvolvimento econômico e local, foi possível evidenciar que o setor terciário deixou de ocupar uma posição residual na estrutura produtiva, passando a assumir um papel estratégico nas economias contemporâneas.

A análise demonstrou que, embora o setor secundário historicamente tenha sido o principal motor do desenvolvimento econômico, sua ausência ou fragilidade em determinados territórios não inviabiliza, necessariamente, a promoção do desenvolvimento local. Nessas circunstâncias, o setor de serviços pode assumir função central, sobretudo quando estruturado a partir de estratégias endógenas que valorizem as potencialidades econômicas, sociais, culturais e naturais da localidade, bem como a participação ativa da comunidade no planejamento e na execução das ações de desenvolvimento.

Nesse contexto, o turismo destacou-se como um segmento específico do setor de serviços com elevado potencial de geração de emprego, renda e encadeamentos produtivos. Seu efeito multiplicador, tanto direto quanto indireto, permite a circulação de recursos em diversos setores da economia local, contribuindo para a dinamização produtiva e para a melhoria das condições socioeconômicas da população. No entanto, os resultados positivos associados à atividade turística dependem, fundamentalmente, de

⁸Mielke e Pereira (2010).

um planejamento adequado, orientado por princípios de sustentabilidade econômica, social, cultural e ambiental.

Dessa forma, conclui-se que o setor de serviços, em especial o turismo, pode constituir uma alternativa viável para o desenvolvimento econômico local em regiões onde a industrialização e a modernização agrícola não se consolidaram. Todavia, para que esse potencial se materialize, é imprescindível a adoção de políticas públicas articuladas, ações coletivas institucionalizadas e estratégias de desenvolvimento endógeno que priorizem o bem-estar da população local e a redução das desigualdades sociais.

Por fim, ressalta-se que este estudo apresenta uma base teórica para futuras pesquisas empíricas, as quais poderão aprofundar a análise sobre a efetiva capacidade do setor de serviços, e do turismo em particular, de promover o desenvolvimento econômico em realidades específicas, contribuindo para o avanço do debate acadêmico e para a formulação de políticas de desenvolvimento local mais eficazes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. N.; SILVA, J. C. G. L. da; ANGELO, H. Importância dos setores primário, secundário e terciário para o desenvolvimento sustentável. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 9, n. 1, 2013.
- ALVES, D. F.; PEREIRA, W. E. N. Decomposição do emprego formal dos grandes setores de comércio e serviços no Brasil: uma abordagem regional. *Revista Análise Econômica e Políticas Públicas – RAEPP*, v. 1, n. 1, 2021.
- ARBACHE, J. Produtividade no setor de serviços. In: DE NEGRI, F.; CAVALCANTE, L. R. (org.). *Produtividade no Brasil: desempenho e determinantes*. Brasília, DF: Ipea, 2015. v. 2, p. 277–300.
- BARBOSA, F. F. O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ou regional. *Caminhos de Geografia*, v. 6, n. 14, p. 107–114, 2005.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. *Globalização e competição: por que alguns países emergentes têm sucesso e outros não*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- CABUGUEIRA, A. C. C. M. Do desenvolvimento regional ao desenvolvimento local: análise de alguns aspectos de política econômica regional. *Gestão e Desenvolvimento*, n. 9, p. 103–136, 2000.
- CLARK, C. *The conditions of economic progress*. 1967.
- CORIOLOANO, L. N. A contribuição do turismo ao desenvolvimento local. In: *Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 61–70.
- CUNHA, G. S.; SILVA, J. A.; SILVA FERREIRA, F. D.; GOMES, T. G. P. Mudança estrutural na economia de Angicos: o impacto da Ufersa. *Revista de Economia Mackenzie*, v. 20, n. 2, p. 191–222, 2023.
- DELGADO, G. C. Especialização primária como limite ao desenvolvimento. *Desenvolvimento em Debate*, v. 1, n. 2, p. 111–125, 2010.

DOWBOR, L.; POCHMANN, M. (org.). *Políticas para o desenvolvimento local*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.

FARIA, D. M. C. P. *Desenvolvimento e turismo: uma abordagem conceitual*. Belo Horizonte: Cedeplar/UFGM, 2012. (Texto para Discussão, n. 463).

FISHER, A. G. B. *The clash of progress and security*. 1935.

FORTUNATO, R. A.; SILVA, L. S. Os significados do turismo comunitário indígena sob a perspectiva do desenvolvimento local: o caso da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (AM). *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, v. 5, n. 2, p. 85–100, 2011.

KALDOR, N. *Strategic factors in economic development*. 1967.

KON, A. Sobre as atividades de serviços: revendo conceitos e tipologias. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 19, p. 307–328, 1999.

KON, A. *Economia de serviços: teoria e evolução no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2004.

KON, A. Sobre a economia política do desenvolvimento e a contribuição dos serviços. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 27, p. 130–146, 2007.

KON, A.; CLARK, C. O debate teórico sobre a indústria de serviços no século XX. In: *Pesquisas em economia industrial, trabalho e tecnologia*. São Paulo: EITT/PUC-SP, 2004.

MEIRELLES, D. S. O conceito de serviço. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 26, p. 119–136, 2006.

MIELKE, E. J. D. C.; PEREIRA, A. E. Desenvolvimento econômico e social através do turismo: interações entre atores locais. In: ENCONTRO PARANAENSE DE PESQUISADORES EM HOTELARIA E TURISMO, 1., 2006, Campo Mourão. *Anais [...]*. Campo Mourão, PR, 2006.

MÜNCHEN, M. S.; MIYAMOTO, B. C. B. Utilização de serviços de mobilidade sob demanda: uma análise do contexto brasileiro. *Revista Análise Econômica e Políticas Públicas – RAEPP*, v. 2, n. 2, p. 39–54, 2021.

NASCIMENTO, J. R.; SILVA, J. A. Uma análise da desindustrialização no Brasil no período 1999 a 2018. *Revista de Economia Mackenzie*, v. 17, n. 2, p. 73–93, 2020.

NEGRI, J. A. de; KUBOTA, L. C.; SILVA, A. M. P. da; KON, A.; FREIRE, C. T.; MEIRELLES, D. S.; PROCHNIK, V. *Estrutura e dinâmica do setor de serviços no Brasil*. Brasília, DF: Ipea, 2006.

OCAMPO, J. F. F. *The terms of trade for commodities in the twentieth century*. *International Trade*, 2004.

SANDRONI, P. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 1999.

SAY, J. B. *Tratado de economia política*. 1821.

SCÓTOLO, D.; NETTO, A. P. Contribuições do turismo para o desenvolvimento local. *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, v. 9, n. 1, p. 36–59, 2015.

SILVA, A. M. P. da; KUBOTA, L. C.; GOTTSCHALK, M. V.; MOREIRA, S. V. Economia de serviços: uma revisão de literatura. 2006.

SILVA, C. M.; MENEZES FILHO, N.; KOMATSU, B. Uma abordagem sobre o setor de serviços na economia brasileira. *Inspere Policy Paper*, n. 19, p. 1–34, 2016.

SILVA, C. O canavial virou fábrica de automóveis: unidade da Jeep, do Grupo Fiat Chrysler, muda cenário industrial no Nordeste. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-canavial-virou-fabrica-de-automoveis,1668049>>. Acesso em: 14 jan. 2026.

SILVA, J. A. Desindustrialização e doença holandesa: o caso brasileiro. *Indicadores Econômicos FEE*, v. 41, n. 3, 2014.

SILVA, J. A. Desindustrialização regional: conceitos, causas, efeitos e o caso brasileiro. *Gestão & Produção*, v. 26, e4682, 2019.

SILVA, J. A.; LOURENÇO, A. L. C. Restrição externa: a economia brasileira na década recente e o modelo de Thirlwall. 2014.

THIRLWALL, A. P. The balance of payments constraint as an explanation of international growth rate differences. *PSL Quarterly Review*, v. 32, n. 128, p. 45–53, 1979.